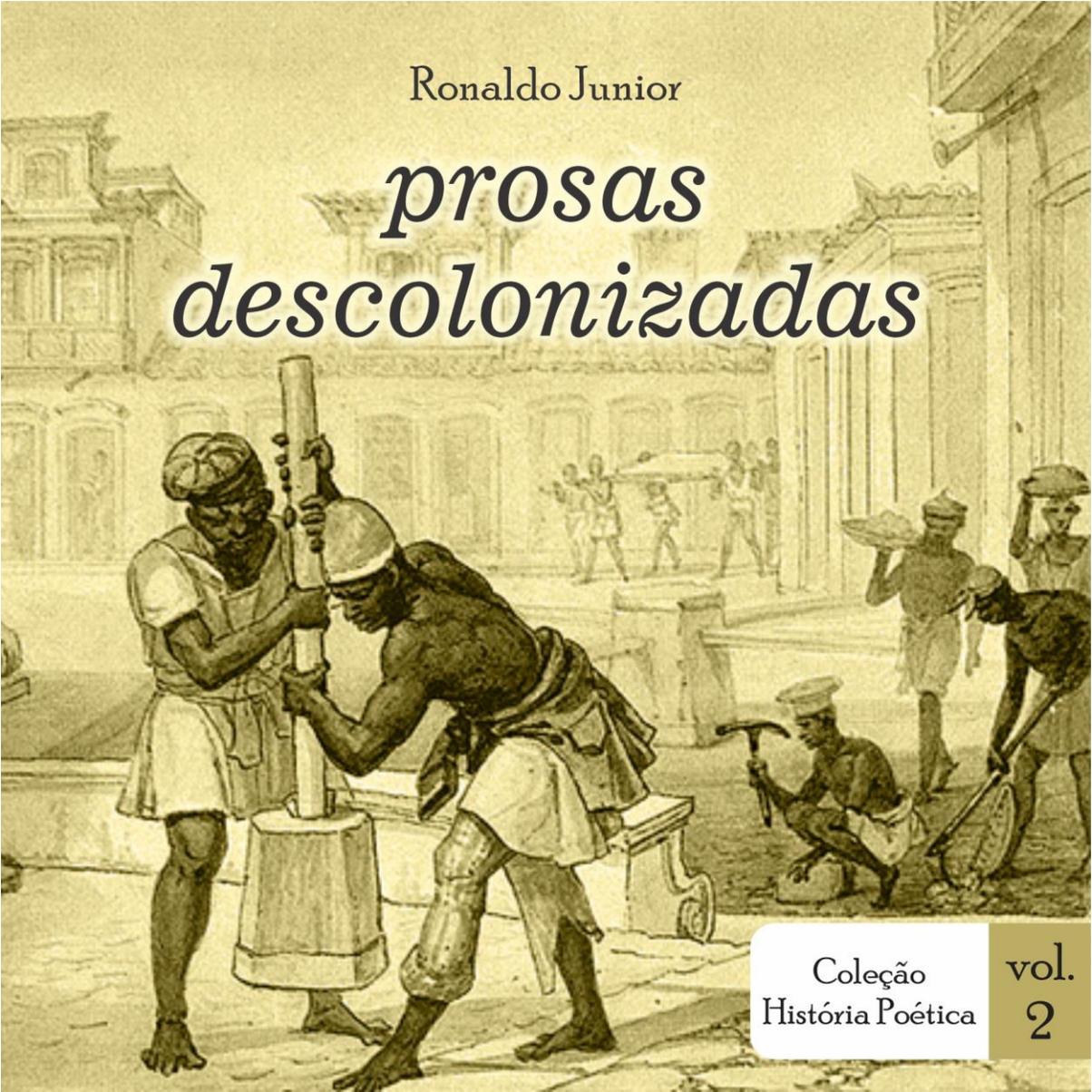


Ronaldo Junior

*prosas
descolonizadas*



Coleção
História Poética

vol.
2

Ronaldo Junior

prosas descolonizadas

Campos dos Goytacazes
2022

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Idealização e Textos *Ronaldo Junior*

Coordenação artística *Andréa Macabu*

Pesquisa e preparação *Ana Paula Lopes*

Layout e Diagramação *Ronaldo Lobão*

Capa *Ronaldo Lobão sobre aquarela “Calceteiros” (1824), de Jean-Baptiste Debret*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Junior, Ronaldo Henrique Barbosa
Prosas descolonizadas [livro eletrônico] /
Ronaldo Henrique Barbosa Junior. -- Campos dos
Goytacazes, RJ : Ed. do Autor, 2022.
PDF

ISBN 978-65-00-59209-2

1. Brasil - História - Independência
2. Poesia brasileira - Coletâneas I. Título.

22-139929

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas : Poesia : Literatura brasileira
B869.108

Inajara Pires de Souza - Bibliotecária - CRB PR-001652/O

Todos os direitos reservados.

*É proibida a reprodução deste livro com
fins comerciais sem prévia autorização do autor.*

É a minha vez de enunciar uma equação: *colonização = coisificação*.

Ouçõ a tempestade. Falam-me de progresso, de "realizações", de doenças curadas, de níveis de vida elevados acima de si próprios.

Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinaas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas.

"Discurso sobre o colonialismo"

(Aimé Césaire)

SUMÁRIO

Prefácio - O Brasil não conhece o Brasil, por Adriano Moura 7

Utopias arraigadas 12

Não ser 14

Desde a invasão 15

Gritos 17

De fora 18

Subordina 19

Endividamento 21

Escravidão 22

Os Ipirangas que cortam o Brasil 23

Antropófago 25

Posfácio, por Rodrigo Rosselini 28

Sobre o autor 31

PREFÁCIO

O Brasil não conhece o Brasil



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

“O Brasil não conhece o Brasil”. Assim começa a canção Querelas do Brasil de Aldir Blanc e Maurício Tapajós. Esse verso é a tradução da ideia de que a palavra que nomeia o território invadido pelos portugueses em 1500 representa diferentes ideias de nação. Mas qual Brasil não conhece o Brasil? A literatura, assim como a história, é um discurso sobre a realidade, um modo de acessá-la e é, portanto, passível de refletir as perspectivas de diferentes autores que assumem o papel de escrever a nação. No entanto o que predominou durante séculos foi o ponto de vista de grupos hegemônicos, para os quais o africano e o indígena foram considerados unicamente como mão de obra, sujeitos que, assim como os recursos naturais, serviriam apenas para serem explorados. Entretanto desde a primeira metade do século XX que se produz uma literatura que se propõe a lançar um outro olhar sobre o passado colonial brasileiro, por meio do qual se desfaz a falácia do ideal civilizatório português.

Prosas descolonizadas, de Ronaldo Junior, insere-se nessa estante de escritos que repensam o Brasil ainda pouco descortinado para muitos cidadãos. Trata-se de uma obra composta por dez textos em prosa que se hibridizam entre a poesia e o ensaio, expondo uma crítica contra a história que se compôs, como escreve o autor no

texto de abertura “Utopias arraigadas”, “Sob um novo mundo que se narra através das pinceladas de uma imagem inexistente”, onde “existe a utopia da pátria calcada no indígena servil no escravo prestativo no branco civilizador”.

Antes de Brasil, fomos Terra de Santa e de Vera Cruz, e a independência não foi conquistada pelos povos nativos conforme ocorreu nos países africanos de colonização portuguesa. O autor nos fala de um “não-brasil que nascia nas mãos de um parteiro que trazia ao mundo suas novas riquezas. Dizia imperador de uma nova nação, fazia ditador de um império carente das próprias grandezas, ceifado pelas amarras ainda em brasa do domínio além-mar.”, ou seja, de um Brasil que, apesar de independente, permanecia colonizado, já que governado pelo herdeiro da coroa portuguesa.

Ronaldo Junior abre mão dos eufemismos e nomeia o que de fato se deu com a vinda dos lusitanos: invasão. Não foi descobrimento nem chegada. Essa percepção é necessária para que se construa uma escrita performativa sobre o país, consoante o que se propuseram os primeiros modernistas; uma escrita não pedagógica, usando a formulação do filósofo indo-britânico Homi Bhabha.

Em “Gritos”, é possível perceber a necessidade de se conhecer o Brasil pelas vozes historicamente silenciadas, mas que até hoje ecoam pelas senzalas contemporâneas do trabalho precarizado, das favelas e periferias abandonadas pelo

Estado, “Os gritos que não gritam no Ipiranga fazem vozerio que se dissipa no dia a dia das sobrevivências caladas padecentes da própria voz.”

A escrita dos miniais se vale de diversos recursos estilísticos e retóricos para opor o Brasil mascarado pelos portugueses àquele que o autor vai desvendando para o leitor. Em “Subordina”, faz-se alusão ao épico *Os Lusíadas*, obra fundadora da autoimagem heroica portuguesa e propagadora da língua de Camões, herança maior da colonização que, mesmo após seu abasileiramento, às vezes ainda reflete mecanismos opressores da mentalidade colonial. Quando escreve, em “Endividamento”, que “o Brasil era um povo escravo com sensação de senhor”, Ronaldo Junior denuncia um problema não resolvido com o brado de Dom Pedro, menos ainda com a Lei assinada pela princesa sua filha. Conquistou-se a independência, mas a nação tornou-se colônia e escrava de outros senhores.

Consta, na poética ensaística deste livro, a crítica a mitos preconizados por pensadores do passado, mas que até o presente sustentam discursos que negam que o Brasil nunca foi uma democracia racial: “Daí a falsa democracia das raças em um país onde todas coexistem no privilégio de uma só”. Não faltou também ao poeta ensaísta a crítica à exploração predatória dos recursos naturais, num flerte com a teoria contemporânea da ecocrítica, fazendo do Ipiranga metonímia para os rios que cortam o país, cuja natureza segue explorada como se seus recursos fossem inesgotáveis, em que “terras calcadas esperam pela chuva para se recompor.”

Ronaldo escreve sobre “O retrato de um país incapaz de se enxergar no espelho que são suas ruas e gentes” e cumpre um dos papéis da literatura que é justamente mostrar o que os olhos desatentos ou desonestos veem, mas não enxergam, ou enxergam, porém fingem que não. Com *Prosas descolonizadas*, o autor nos brinda com reflexões sobre nosso passado histórico, político, social, econômico e cultural, passado cujo eco ainda reverbera, porque talvez não tenha sido superado. Mas afinal fatos passados não devem ser superados, pois nutrem o presente da necessidade de mudança para a construção de um futuro diferente. Uma literatura descolonizada contribui para que possamos elaborar uma mentalidade descolonizada, essencial para que se erga uma nação verdadeiramente brasileira.

Adriano Moura

Professor e escritor



UTOPIAS ARRAIGADAS



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Na mera superfície das violências, o colonizador consegue adentrar a alma das gentes a ponto de criar (permutar) espelhos replicadores da opressão que se faz rotina e se torna história e é ensinada na aula como heroísmo. Sob um novo mundo que se narra através das pinceladas de uma imagem inexistente, existe a utopia da pátria calcada no indígena servil no escravo prestativo no branco civilizador, numa hierarquia de raças gentes povos que privilegia as armas caucasianas a subjugar humanidades. Na incerteza do sentimento de nas(ser), as artes expressavam a falsa grandeza de nobres bufões a se faltar das forças-motrizes-trabalhadoras que de fato escreviam a história que não se lê, oculta nas entrelinhas da epopeia galante que inscreve quem manda como fazedor de acontecer. No talvez dos entretantos, até dias nossos, há quem acredite no dito dos pincéis e nos nacionalismos da acrílica elite intelectual que pintava um Rio de Janeiro com nuances lisboetas apesar de facetado com naus escravocratas e nativos catequisados pela força da mão branca que retorce humanidades até extrair seu querer. Ponha-se na rua para deixar entrar o principado da realeza que se diz dona do que encontrou como projeto de poder. As existências eram encobertas desde muitos séculos antes, quando portugueses ocultaram as gentes aqui viventes – língua roupa fé força – a ponto de vestirem o indígena com sua

mesquinhez ultramarina, sua palavra doutrinadora, sua fé falso-altruísta, sua força genocida. Fosse um dia de sol, porém, o português talvez despisse sua fictícia superioridade, incapaz de doutrinar a alma que se mantivesse inoculta à luz do dia.

NÃO SER



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Antes mesmo de não ser, as mãos que empunharam a espada eram erigidas – brado retumbante – por sangue português em constante contraste com o povo heroico que por outras bandas bradava com o lábaro hesitante. A bandeira o brasão o grito a independência forçados foram às margens de um não-brasil que nascia nas mãos de um parteiro que trazia ao mundo suas novas riquezas. Dizia imperador de uma nova nação, fazia ditador de um império carente das próprias grandezas, ceifado pelas amarras ainda em brasa do domínio além-mar. Liame ainda persistente no sentimento de não-gente que se tem com o domínio das terras de lá. Ostentado o lábaro relutante – deitado eternamente em berço alheio -, o sol exaspera em raios fúlgidos o carmesim de uma terra derramada pelos desbravadores que se inscreviam como heróis na própria história de vilania.

DESDE A INVASÃO



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Em terras de bons ares, pela vista do grande mar, ainda sem avistar ouro, prata ou metal que valesse, havia entre os chegados sem convite um consenso sobre a finalidade da missão: salvar dali as gentes inocentes que poderiam estar dispostas – à força - à conversão. Se salvam de absolutamente nada as gentes que não comungam da mesma crença não dispõem da mesma mundanidade não enxergam a mesma mercantilidade na natureza. Assim é a lógica exclusivista dos ditos desbravadores de terras alheias: se ali não valem os meus valores a minha língua a minha fé a minha moeda, é preciso salvá-los de si mesmos. Salvar – palavra mística que guarda a relação de domínio típica das agressões em progresso. Invadem a terra impõem a fé incutem a língua domesticam a força escravizam a alma em nome da coletiva hipocrisia da civilização, capaz de legitimar a atrocidade de uma gente doentia. Mas não existiria Brasil não fossem os bravos heróis desbravadores – ironia. De fato, Brasil não existiria da forma tirana que se compreende a partir das relações de poder transgredidas pela constante agressão das individuavontades. Ainda hoje, mais de cinco séculos passados pelas mãos da primeira obra brasileira = literatura de invasão, não há na ex-colônia a ligeira impressão de que não se salvaram a si mesmos das perversidades cometidas em nome da filantropia fajuta capaz de expor a bruteza do colonizador, colocando

para fora o que há de mais desumano em prol de um projeto de poder. Há sangue colonial ainda nas mãos de vossa alteza, mas isso os livros deixam subentendido – sangue que ultrapassa os limites das Américas, alcançando continentes outros pelo mapa do mundo. E nesta maneira, senhor, dou aqui de vossa alteza o tanto que semearmos nesta terra, que ao senhor há de agradecer pela degradação causada em nome do nascimento de um país que será feito dos destroços do que permitiremos sobrar.



Seja no tal brado que retumba até hoje pelas margens de um país que reverencia – sem por vezes saber – o seu passado pelo presente, seja nas falas cantos sussurros gritos dos passantes tantos de seus centros e interiores e intermédios, o grito que se ouve não é o do Ipiranga, gritado por um nascido em Queluz, mas aquele que ecoa das vozes apagadas pelas vestes portuguesas. Tais vozes – feitas juntas em completo alarido – são ocultadas pelas entrelinhas que um olhar de relance não observa, ficando apenas com a nobreza dos grandes (falsos) feitos de um império decadente. Os gritos marcam um país que brada pela liberdade com olhos marejados de não saber olhar para trás. Daí o alarido de um povo escrevente da própria história ser apagado pelos brados pontuais dos que cismam em escrever as linhas por cima. É assim que o brasileiro faz seu dia, precisando gritar para ser ouvido pelas vozes outras que gritam com armas mais poderosas que a garganta. Os gritos que não gritam no Ipiranga fazem vozerio que se dissipa no dia a dia das sobrevivências caladas padecentes da própria voz. *Independência ou morte O petróleo é nosso Cinquenta anos em cinco Varre, varre, vassourinha Ame-o ou deixe-o Diretas já É tetra Fora petê Não vai ter golpe Imbrochável, imbrochável.* Do Ipiranga ao Planalto, muito se grita para fazer valer uma só voz.



Quem estrangeiro chegasse notava de pronto – e talvez ainda hoje possa perceber – as marcas dolorosas de uma gente que demarca(va) seres humanos pelo parâmetro da mercadoria. Traços registram em contraste o olhar a dor o medo a angústia rotineira de pessoas escravizadas pela dita civilização a andar pelas ruas – entre casas entre desgraças – a carregar a força de trabalho em prol de uma vida a troco de não serem torturados como se indignos de pisar aquele chão. A emoção de cada olhar transparecia a obrigação de servir pela mera existência, inócua inválida inexistente. Mas o olhar francês traduzia em pincelada aquele dia a dia hostil e insalubre na cena artística de uma cidade lavada com sangue escravo no mover de cada pedaço de terra que virava edificação. Na parede do palacete, a arte jazia inclemente a desnudar uma sociedade e suas perversidades. Na senzala, dicotomia – arte ali era expressão de sobrevivência, não de ornamento para desfastio. Assim era apregoada a realidade num império endividado – moral e financeiramente -, pelo olhar denunciante dos que viam, pelo interesse lancinante dos que se aproveitavam e pela carne descartável dos que não se podiam. Até hoje a parede do museu grita mais alto que o próprio do Ipiranga, mas há quem não veja os disparates perpetuados da hierarquia racial que se criou num país talvez ainda indiferente às suas origens nada europeias.

SUBORDINA



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Colônia. A relação de dependência que se estabelece vai para além dos meros tratados e leis, alcançando as gentes os jeitos as falas os sentires. Este texto, em português, é produto de um cruento processo de apagamento por imposição. Apagamento pelo brutal gesto de ser dependente no âmagô a ponto de pedir permissão para ser e não ser enquanto existe um imperador além-mar para ditar o que é brasil. Estas palavras – gramática colonialista a colocar o pronome posposto – partem da fissura encravada na carne originária, do inculcamento da crença forçada em um deus que domina antes de amar. Do acaso mais nefasto, as mãos que dominaram a máquina do mundo resolveram também dominar o certo pelo errado, o sagrado qual profano, as vivências por realidades. Mas em nada o globo limado por deus pôde conter o engenho humano extenso e expresso a corromper a máquina do mundo em sua veloz e interesseira dominância. Daí esta língua esta gente este constante lidar com o mundo sob a megalômana mania de ser dono de tudo. No falso status de um reino que concentrava a riqueza na pequena dobra da península e devastava as terras todas que fazia de quintal. O superador das léguas marítimas - herói camoniano – se veste, antes, em seu panteão de dominador para ser do colonizado o próprio gigante Adamastor. Do fundo do oceano para a terra firme, é o colono o monstro insuperável a rondar sobre a terra

dita descoberta – mundo só havia se pisado pelas diminutas pernas do gigante europeu. Independentes apesar de subalternos, escravos apesar de soberanos, nascidos apesar de inconstituídos: brasil apesar de ainda não.

ENDIVIDAMENTO



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

O grito não fez o fato. Não foi no bradar das vozes que um país se formou na unidade extensiva a todo um território ainda desconhecido para a realeza palaciana. Restaram as necessidades, os conflitos, as contendas, os gritos depois do grito para construir um país cujo imperador megalômano era absoluto de acordo com a constituição outorgada por sua própria realeza. O horizonte trazia – lá do outro lado do Atlântico – o somatório do preço da soberania real em libra esterlina, e a dívida nasceu junto mesmo com o país, que se bastava a ponto de o grito do monarca valer ouro madeira pedra prata açúcar café para ser ouvido. Dentro, mandava o imperador. Fora, mandavam no imperador. Nascido decadente sobre as dívidas da exploração da metrópole que deixara a prole para governar, o Brasil era um povo escravo com sensação de senhor a pensar que o grito era capaz de convencer a todos sobre a soberania que ainda precisava quitar.

ESCRAVIZAÇÃO



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

A sustentar o lábaro fastidioso da independência, havia centenas de braços humanos. E também pernas cabeças peitos ombros músculos a erguer durante séculos o que o príncipe tomou a frente para chamar de seu. Multidões assoladas pelo mal de serem humanos sem reconhecimento formal, não-cidadãos por exclusão constitucional, objeto de compra e venda, de contratos negociais entre detentores de posses e direitos e voz num país fadado a dividir a cidadania entre os possuidores e os que nada são. Séculos saem, mas as máculas não. Discriminante ação a cortar camadas de pessoas para o abismo do não enquanto permanecem ativas a movimentar os dias pelas dificuldades do sim, sobrevivendo sob a altivez fortuita do talvez, pendendo pelas indigências remetentes a um passado usurpador do livre exercício de ser humano. Mas o fato de não ser – por exclusão ao que se diz ser – traz a conveniência da manutenção dominante daquele que é porque impôs porque nasceu porque diz ser em detrimento de tudo ao redor. Daí a falsa democracia das raças em um país onde todas coexistem no privilégio de uma só.

OS IPIRANGAS QUE CORTAM O BRASIL



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Cada margem que se curva pelas encostas esquinadas dos meandros do Brasil ecoa um grito inaudível – e inadiável – pela própria natureza. Não é independência política ou econômica, mas liberdade para viver sem a predatorialidade exploradora de detalhes que consome tudo por onde passa. E as terras calcadas esperam pela chuva para se recompor. E as madeiras depredadas esperam pela semente que ainda não germinou. Mas o estrago do homem não espera retorno outro qualquer, pois nunca voltará. Assim é com a margem do rio que consta – parnasiana - no hino nacional. Um rio sem culpa por tudo que fizeram, mas sobre o qual se puseram todas as possíveis reprimendas - alternativa imposta pelo português montado no dorso da mula. Ao rio cujas margens o hino proclama, não sendo possível a independência, restou a morte de suas diversidades ao longo dos anos até se tornar poluição fluida. Palavra lançada sobre o leito d'água jaz no fundo a contar história do dia em que um país se anunciou soberano pelas mãos do povo que o colonizara. Não sendo sequer gigante de sua própria natureza por dela abrir mão no dia a dia da negação originária, no fogaréu que leva embora a memória vasta, na desapropriação de terras que arraigam em suas funduras a verdadeira brasilidade nunca exaltada, no negar da existência antepassada que um dia fora descoberta sem sequer estar oculta. Há mais na palavra do branco europeu do

que contam as páginas didáticas de livros cartesianos, pois a independência era em prol de outras subalternidades, sendo a morte opção irrevogável a coexistir fazendo estrago por onde passa.

ANTROPÓFAGO



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

O retrato de um país incapaz de se enxergar no espelho que são suas ruas e gentes e expressões é formado por sangue pisado por madeira deformada por riqueza oculta por aberração glorificada por páginas rasgadas por samba proibido por sensação de não ser. Daí a necessidade de deturpar as formas da realidade opressora, de ver perspectiva outra que desconfesse um país feito por nenhum de nós a ponto de catalogar corretamente as faces de um povo rotulado por seus invasores. É preciso ver o homem sob outra ótica – originariamente livre – para despir as violências formativas e expurgar as fórmulas comerciais que lapidaram a natureza como produto na prateleira empoeirada de um mercado. O homem em natura, essa primitiva figura já marginalizada pelo europeísmo doentio, perdeu o estado de preservação correlacionada das coisas. Virou destruição a partir do ponto em que o verde era apenas cor de bandeira, não mais contemplativa vivência na natureza desinibida. Olhar o homem, em seu abaporuramento despido na tela que se faz labuta, é ver o mundo sob a ótica antropófaga que não alimenta, mas nutre de diversidades capazes de unificar múltiplas humanidades que se expressam pela descatequização de uma gente liberta. Sem saber o que é o Brasil – matriarcado de Pindorama -, penso ser isso tudo, sem tirar nenhuma gota de sangue. Mas também penso além: o Brasil está no

homem (no quadro) de pés e mãos titânicos pela mão de obra que construiu um país e deforma a expectativa e desfaz o que se pensa cristalizado para enxergar – num espelho quebrado em cacos milhões – a verdadeira imagem refletida.





A prosa poética de Ronaldo Junior é um exercício que devolve algo que nos foi subtraído em 2022, a reflexão que não pudemos fazer da devida maneira, a crítica, o lamento e (por que não?) a comemoração dos duzentos anos da emancipação política do Brasil.

Há cem anos, num turbulento 1922, em meio à ascensão do fascismo, à formação da URSS, ao início da era do jazz e do rádio, o Brasil comemorava o centenário da “independência” discutindo a modernidade e a identidade nacional miscigenada, original e pujante, na semana sem fim que durou três dias, em um cenário político que se agitava com a criação do PCB enquanto o sangue nas areias de Copacabana anunciava a contestação antiliberal aos carcomidos esquemas de poder da República, que naquele ano vivenciou a primeira eleição presidencial verdadeiramente disputada.

Para as comemorações uma grande exposição internacional foi organizada na capital da República, os governos estaduais exaltaram sua indústria, comércio e agricultura, monumentos suntuosos foram erigidos, escolas foram inauguradas como símbolo de progresso. Claro, tudo isso ocultando os crimes e injustiças que marcaram

a construção do Estado Brasileiro. Quem sabe no bicentenário poderíamos passar essa história a limpo?

O breve século XX terminou cedo e o novo trouxe grandes esperanças. Derrotamos o analfabetismo, a fome, reduzimos a mortalidade infantil e as pessoas começaram a sonhar com uma vida mais digna. Em pouco tempo viria o bicentenário da emancipação política do Brasil. Como seria? Uma oportunidade de acertarmos as contas com o nosso passado excludente e escravocrata? Ah... poderíamos celebrar as novas Universidades e os avanços científicos construídos por uma comunidade diversa formada por mulheres e homens negros, mestiços, brancos, LGBTQIAP+, um país fraterno e desenvolvido, com todas as religiões e nenhuma, uma democracia robusta...

Não foi possível. Às vésperas do bicentenário do Brasil, mergulhamos num turbilhão medonho, dantesco, fomos arremessados em “doudas espirais” ao fundo de um poço lamacento, cavado pela necropolítica, sem espaço para a diversidade, a democracia, a arte... a poesia!

Em 2023, nesses 200 anos +1, navegando em águas menos turbulentas e turvas, volta a poesia e a necessidade de debatermos o bicentenário. Nunca é tarde.

As “prosas descolonizadas” de Ronaldo Junior revisitam o cenário da construção do Brasil, desde a instalação da Corte no Rio de Janeiro até a formação do Estado Nacional independente, ressaltando todo o histórico de invasão, conflito,

escravização, de forma crítica, contundente, ao mesmo tempo propositiva, apontando as possibilidades de recuperação e reconstrução antropofágica dos nossos sonhos de nação.

Rodrigo Rosselini J. Rodrigues

Professor e pesquisador



SOBRE O AUTOR

Ronaldo Junior nasceu no Rio de Janeiro em março de 1996 e reside em Campos dos Goytacazes desde 2005, onde iniciou sua carreira literária. É bacharel em Direito, estudante de Letras – Português e Literaturas, poeta, contista, cronista e um brasileiro que cisma em admirar, entre belezas e contradições, a grandeza deste país. É membro da Academia Campista de Letras, da Academia Pedralva Letras e Artes e da Academia de Letras do Brasil Seção Campos, entre outras instituições culturais. Publicou “O verso sou eu – Antologia de sentimentos” (2016), “Muros impalpáveis – Recorte poético da cidade de Campos” (2021) e “Ideário poético da Independência” (2022).

 www.ronaldojuniorescritor.com

 rhbj@outlook.com

 [@ronaldojuniorescritor](https://www.instagram.com/ronaldojuniorescritor)

Esta obra é fruto do projeto cultural “Obra literária Prosas descolonizadas”, tendo contado com recursos do Edital de Chamada Emergencial de Premiação nº 05/2021 “Retomada Cultural RJ 2”, que dispõe sobre premiação financeira de projetos culturais realizadas no Estado do Rio De Janeiro, promovido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado Rio de Janeiro.

Revisitar um passado não vivido que, no entanto, torna vívida a realidade dos agoras guarda a importância de se saber brasileiro a partir das entrelinhas omissas que podemos enxergar pelas brechas das relações rotineiras. Pensando nisso, estas prosas se julgam descolonizadas por pensar a lógica – ausência – sob a ótica de um povo que sempre foi narrado como subalterno pelo grito do colonizador. Indo além, passando pela carta invasora de Caminha, pelo antropófago manifesto e pelos traços estrangeiros de Debret, é preciso exhibir as vozes – ruído apagado - de um povo que de fato construiu o país sob os gritos tiranos gravados na fotografia da história.

O autor

ISBN: 978-65-00-59209-2



ACESSE NAS
PLATAFORMAS
DIGITAIS

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

